

os velhos marinheiros
ou o capitão-de-longo-curso

JORGE AMADO



Posfácio de Fábio Lucas

Copyright © 2009 by Grapiúna Produções Artísticas Ltda.

1ª edição, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1961

Consultoria da coleção Ilana Seltzer Goldstein

Projeto gráfico Kiko Farkas e Elisa Cardoso/ Máquina Estúdio

Pesquisa iconográfica do encarte Carmen Azevedo/ Reminiscências

Imagens de capa © Marcel Gautherot/ Acervo Instituto Moreira Salles (capa);
© Luiza Chiodi/ Companhia Fabril Mascarenhas (chita); © Zélia Gattai Amado /
Acervo Fundação Casa de Jorge Amado (orelha).

Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro.
Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes,
caso se manifestem.

Cronologia Ilana Seltzer Goldstein e Carla Delgado de Souza

Preparação Leny Cordeiro

Revisão Ana Maria Barbosa e Valquíria Della Pozza

Texto estabelecido a partir dos originais revistos pelo autor. Os personagens
e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem
a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amado, Jorge, 1912-2001.

Os velhos marinheiros ou O capitão-de-logo-curso / Jorge
Amado ; posfácio de Fábio Lucas. — São Paulo : Companhia das
Letras, 2009.

ISBN 978-85-359-1407-8

I. Ficção brasileira I. Lucas, Fábio. II. Título. III. Título : O
capitão-de longo-curso

09-00683

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção: Literatura brasileira 869.93

Diagramação Spress

Papel Pólen Soft

Impressão e acabamento RR Donnelley

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br



OS VELHOS
MARINHEIROS

OU

A COMPLETA VERDADE
SOBRE AS DISCUTIDAS
AVENTURAS DO
COMANDANTE VASCO
MOSCO DE ARAGÃO,
CAPITÃO-DE-LONGO-CURSO



PRIMEIRO EPISÓDIO

DA CHEGADA DO COMANDANTE
AO SUBÚRBIO DE PERIPERI, NA BAHIA,
DO RELATO DE SUAS
MAIS FAMOSAS AVENTURAS
NOS CINCO OCEANOS, EM MARES E
PORTOS LONGÍNQUOS,

COM

RUDES MARINHEIROS E
MULHERES APAIXONADAS

E

DA INFLUÊNCIA DO CRONÓGRAFO E
DO TELESCÓPIO SOBRE
A PACATA COMUNIDADE SUBURBANA

DE COMO O NARRADOR, COM CERTA
EXPERIÊNCIA ANTERIOR E
AGRADÁVEL, DISPÕE-SE A RETIRAR
A VERDADE DO FUNDO DO POÇO

MINHA INTENÇÃO, MINHA ÚNICA intenção, acreditem!, é apenas restabelecer a verdade. A verdade completa, de tal maneira que nenhuma dúvida persista em torno do comandante Vasco Moscoso de Aragon e de suas extraordinárias aventuras.

“A verdade está no fundo de um poço”, li certa vez, não me lembro mais se num livro ou num artigo de jornal. Em todo caso, em letra de fôrma, e como duvidar de afirmação impressa? Eu, pelo menos, não costumo discutir, muito menos negar, a literatura e o jornalismo. E, como se isso não bastasse, várias pessoas gradas repetiram-me a frase, não deixando sequer margem para um erro de revisão a retirar a verdade do poço, a situá-la em melhor abrigo: paço (“a verdade está no paço real”) ou colo (“a verdade se esconde no colo das mulheres belas”), pólo (“a verdade fugiu para o Pólo Norte”) ou povo (“a verdade está com o povo”). Frases, todas elas, parece-me, menos grosseiras, mais elegantes, sem deixar essa obscura sensação de abandono e frio inerente à palavra “poço”.

O meritíssimo dr. Siqueira, juiz aposentado, respeitável e pro-

bo cidadão, de lustrosa e erudita careca, explicou-me tratar-se de um lugar-comum, ou seja, coisa tão clara e sabida a ponto de transformar-se num provérbio, num dito de todo mundo. Com sua voz grave, de inapelável sentença, acrescentou curioso detalhe: não só a verdade está no fundo de um poço, mas lá se encontra inteiramente nua, sem nenhum véu a cobrir-lhe o corpo, sequer as partes vergonhosas. No fundo do poço e nua.

O dr. Alberto Siqueira é o cimo, o ponto culminante da cultura nesse subúrbio de Periperi onde habitamos. É ele quem pronuncia o discurso do Dois de Julho na pequena praça e o de Sete de Setembro no grupo escolar, sem falar noutras datas menores e em brindes de aniversário e batizado. Ao juiz devo muito do pouco que sei, a essas conversas noturnas no passeio de sua casa; devo-lhe respeito e gratidão. Quando ele, com a voz solene e o gesto preciso, esclarece-me uma dúvida, naquele momento tudo parece-me claro e fácil, nenhuma objeção me assalta. Depois que o deixo, porém, e ponho-me a pensar no assunto, vão-se a facilidade e a evidência, como, por exemplo, nesse caso da verdade. Volta tudo a ser obscuro e difícil, busco recordar as explicações do meritíssimo e não consigo. Uma trapalhada. Mas, como duvidar da palavra de homem de tanto saber, as estantes entulhadas de livros, códigos e tratados? No entanto, por mais que ele me explique tratar-se apenas de um provérbio popular, muitas vezes encontro-me a pensar nesse poço, certamente profundo e escuro, onde foi a verdade esconder sua nudez, deixando-nos na maior das confusões, a discutir a propósito de um tudo ou de um nada, causando-nos a ruína, o desespero e a guerra.

Poço não é poço, fundo de um poço não é o fundo de um poço, na voz do provérbio isso significa que a verdade é difícil de revelar-se, sua nudez não se exhibe na praça pública ao alcance de qualquer mortal. Mas é o nosso dever, de todos nós, procurar a verdade de cada fato, mergulhar na escuridão do poço até encontrar sua luz divina.

“Luz divina”, é do juiz, como aliás todo o parágrafo anterior. Ele é tão culto que fala em tom de discurso, gastando palavras

bonitas, mesmo nas conversas familiares com sua digníssima esposa, dona Ernestina. “A verdade é o farol que ilumina minha vida”, costuma repetir-se o meritíssimo, de dedo em riste, quando, à noite, sob um céu de incontáveis estrelas e pouca luz elétrica, conversamos sobre as novidades do mundo e de nosso subúrbio. Dona Ernestina, gordíssima, lustrosa de suor e um tanto quanto débil mental, concorda balançando a cabeça de elefante. Um farol de luz poderosa, iluminando longe, eis a verdade do nobre juiz de direito aposentado.

Talvez por isso mesmo sua luz não penetre nos escaninhos mais próximos, nas ruas de canto, no escondido beco das Três Borboletas onde se abriga, na discreta meia-sombra de uma casinha entre árvores, a formosa e risonha mulata Dondoca, cujos pais procuraram o meritíssimo quando Zé Canjiquinha desapareceu da circulação, viajando para o sul.

Passara Dondoca nos peitos, na frase pitoresca do velho Pedro Torresmo, pai aflito, e largara a menina ali, sem honra e sem dinheiro:

— No miserê, doutor juiz, no miserê...

O juiz deitou discurso moral, coisa digna de ouvir-se, prometeu providências. E, à vista do tocante quadro da vítima a sorrir entre lágrimas, afrouxou um dinheirinho, pois, sob o peito duro da camisa engomada do magistrado, pulsa, por mais difícil que seja acreditar-se, pulsa um bondoso coração. Prometeu expedir ordem de busca e apreensão do “sórdido dom-juan”, esquecendo-se, no entusiasmo pela causa da virtude ofendida, de sua condição de aposentado, sem promotor nem delegado às ordens. Interessaria no caso, igualmente, seus amigos da cidade. O “conquistador barato” teria a paga merecida...

E foi ele próprio, tão côncio é o dr. Siqueira de suas responsabilidades de juiz (embora aposentado), dar notícias das providências à família ofendida e pobre, na moradia distante. Dormia Pedro Torresmo, curando a cachaça da véspera; labutava no quintal, lavando roupa, a magra Eufrásia, mãe da vítima, e a própria cuidava do fogão. Desabrochou um sorriso nos lábios carnudos

de Dondoca, tímido mas expressivo, o juiz fitou-a austero, tomou-lhe da mão:

— Venho pra repreendê-la...

— Eu não queria. Foi ele... — choramingou a formosa.

— Muito malfeito — segurava-lhe o braço de carne rija.

Desfez-se ela em lágrimas arrependidas e o juiz, para melhor repreendê-la e aconselhá-la, sentou-a no colo, acariciou-lhe as faces, beliscou-lhe os braços. Admirável quadro: a severidade implacável do magistrado temperada pela bondade compreensiva do homem. Escondeu Dondoca o rosto envergonhado no ombro confortador, seus lábios faziam cócegas inocentes no pescoço ilustre.

Zé Canjiquinha nunca foi encontrado, em compensação Dondoca ficou, desde aquela bem-sucedida visita, sob a proteção da justiça, anda hoje nos trinques, ganhou a casinha no beco das Três Borboletas, Pedro Torresmo deixou definitivamente de trabalhar. Eis aí uma verdade que o farol do juiz não ilumina, foi-me necessário mergulhar no poço para buscá-la. Aliás, para tudo contar, a inteira verdade, devo acrescentar ter sido agradável, deleitoso mergulho, pois no fundo desse poço estava o colchão de lã de barriguda do leito de Dondoca onde ela me conta — depois que abandono, por volta das dez da noite, a prosa erudita do meritíssimo e de sua volumosa consorte — divertidas intimidades do preclaro magistrado, infelizmente impróprias para letra de fôrma.

Possuo, como se comprova, certa experiência no assunto, não é a primeira vez que investigo a verdade. Sinto-me assim, sob a inspiração do juiz — “é dever de todos nós procurar a verdade de cada fato” —, disposto a desenrolar o novelo das aventuras do comandante, esclarecendo de vez e para sempre questão tão discutida e complicada. Não se trata apenas das linhas embaraçadas de um novelo: é bem mais difícil. Pelo meio existem nós cegos, nós de marinheiro, pontas soltas, pedaços cortados, linha de outra cor, coisas acontecidas e coisas imaginadas e onde a verdade de tudo isso? Na época em que tudo sucedeu, há mais de trinta anos passados, em 1929, as aventuras do comandante e ele pró-

prio eram o centro da vida de Periperi, dando lugar a ardentes discussões, dividindo a população, provocando inimizades e rancores, quase uma guerra santa. De um lado os partidários do comandante, seus admiradores incondicionais, de outro lado seus detratores, à frente o velho Chico Pacheco, fiscal do consumo aposentado, ainda hoje memória recordada entre sorrisos, língua de prata, ferina, homem irreverente e cético.

A tudo isso, porém, chegaremos com tempo e paciência, a busca da verdade requer não somente decisão e caráter mas também boa vontade e método. Por ora ainda estou na borda do poço, procurando a melhor forma de descer ao misterioso fundo. E já o velho Chico Pacheco sai de sua cova em remoto cemitério para me atrapalhar, impor sua presença, perturbar-me. Sujeito quiziloso e metedigo, com a mania da evidência, amigo de mostrar-se, sua ambição era ser o primeiro desse florido burgo suburbano, onde tudo é doce e manso, mesmo o mar, mar de golfo onde jamais se elevam ondas furiosas, praia sem vagas e sem correntezas, vida pacífica e lenta.

Meu desejo, meu único desejo, acreditem!, é ser objetivo e sereno. Buscar a verdade em meio à polêmica, desenterrá-la do passado, sem tomar partido, arrancando das versões mais diferentes todos os véus da fantasia capazes de encobrir, mesmo em parte, a nudez da verdade. Se bem eu tenha tido ocasião de constatar em carne própria, ou melhor na carne doirada de Dondoca, nem sempre ser mais sedutora a completa nudez do que aquela que se mostra e se esconde sob um lençol ou um trapo qualquer a ocultar um seio, um pedaço de perna, a curva de uma anca. Mas a verdade, afinal!, não é para deitar com ela numa cama que a buscamos com tanta teimosia e desespero por esse mundo afora.

DO DESEMBARQUE DO HERÓI EM PERIPERI E DE SUA INTIMIDADE COM O MAR

— ADIANTE, GRUMETES.

Voz acostumada a ordenar. Fez um gesto com a mão apontando o rumo, desceu os três degraus da plataforma, assumira o controle da travessia, firme pulso ao timão, olhos de bússola.

Formou-se uma espécie de pequeno cortejo a desfilar na rua: à frente, decidido e sereno, o comandante. Uns metros atrás, Caco Podre e Misael, os dois carregadores, com parte da bagagem. Caco Podre àquela hora já bebera seus tragos habituais, seu passo era incerto, não lhe ia de todo mal o tratamento de “grumete” que lhe dera o recém-chegado. Os curiosos vinham logo depois, trocando cochichos, num grupo que crescia, pois a roda do leme, na cabeça de Misael, era um chamariz.

Não entrou em casa. Contentou-se em apontá-la aos carregadores, continuou a caminhar. Dirigiu-se para a praia, andou até os rochedos, parou a medi-los com um olhar de conhecedor, iniciou a escalada. Altos não eram, escarpados tampouco, rampa suave por onde nos dias de verão crianças subiam e desciam, e, à noite, escondiam-se namorados. Mas havia tal dignidade no porte do comandante que todos compreenderam as dificuldades da

empresa, como se de súbito os modestos rochedos se houvessem transformado em abrupta muralha de pedras, jamais vencida pelos pés do homem.

Ao chegar ao alto, deixou-se ficar parado, os braços cruzados sobre o peito, a fitar as águas. Assim imóvel, o rosto contra o sol, a cabeleira ao vento (aquela suave e permanente brisa de Periperi), semelhava um soldado em posição de sentido num desfile ou, dada sua imponência, um general em bronze numa estátua. Vestia um estranho paletó, onde havia algo de túnica militar, azul e grosso, de gola ampla. Só Zequinha Curvelo, leitor assíduo de romances de aventuras, adivinhou estar ali, diante deles, em carne e osso, um homem do mar, habituado aos navios e às tempestades. Murmurou sua impressão aos outros, paletó parecido com aquele ilustrava a capa de um romance de aventuras no oceano, história de frágil veleiro em meio a um mar de temporais e sargachos. O marinheiro na capa vestia um paletó assim.

Durou apenas um momento aquela imobilidade mas foi um longo momento, quase eterno, fixando a imagem na memória dos vizinhos. Depois estendeu num gesto longo o braço curto e pronunciou:

— Aqui estamos, oceano, novamente juntos.

Outra vez voltou a cruzar os braços sobre o peito, era uma afirmação e também um desafio. Seu olhar dominava as águas calmas do golfo, onde o mar e o rio se misturavam na acolhedora baía. Ao longe, negros navios ancorados, rápidos saveiros cujas velas brancas pontilhavam o azul sereno da paisagem. Havia, naquele olhar e na postura imóvel, a revelação de antiga intimidade com o oceano, feita de amor e cólera, de histórias vividas, sensível mesmo àqueles corações pacatos, distantes da aventura e do heroísmo. É de justiça excetuar Zequinha Curvelo, pois noutra clima não vivia, devorador de folhetins baratos, às voltas com piratas e pioneiros, de todo preparado para ser o protoprefeta, o são João Batista anunciador do herói desembarcado.

Assim, quando o comandante desceu dos rochedos e penetrou no círculo dos vizinhos, murmurando, como se falasse

consigo mesmo, “longe do oceano não posso viver...”, penetrou também e definitivamente na admiração de seus novos concidadãos. Parecia, no entanto, não vê-los, não se dar conta de sua presença e curiosidade.

Como se cada gesto obedecesse a um cálculo preciso, primeiro mediu com o olhar a distância a separá-lo da casa próxima e isolada, junto à praia, as janelas abertas sobre as águas. Assentou rumo em direção à porta, iniciou a abordagem. Os vizinhos seguiam atentos seus movimentos, fitavam-no com respeito: a face redonda e avermelhada, a farta cabeleira prateada, o paletó marítimo com brilhantes botões metálicos. Iniciada a marcha, entre eles e o comandante situou-se Zequinha Curvelo: ocupara seu posto.

Os carregadores chegavam com o resto da bagagem, o comandante baixou ordens precisas e categóricas. Malas, camas, armários para os quartos, engradados e caixões depositados na sala.

Só então, terminadas as tarefas, pareceu tomar conhecimento da pequena multidão a contemplá-lo da rua. Sorriu, cumprimentou com a cabeça e pôs a mão sobre o peito num gesto onde havia qualquer coisa de oriental, de exótico. Um coro de “boas-tardes” respondeu à saudação. Zequinha Curvelo, enchendo-se de coragem, avançou um passo em direção à porta.

Retirava o comandante de um dos amplos bolsos do paletó inesperado objeto, parecia um revólver, Zequinha recuou. Não era revólver, que diabo seria? Punha-o na boca o comandante, era um cachimbo, mas não um simples cachimbo — já de si extravagância no pacato arrabalde. De espuma-do-mar, trabalhado: a boquilha representando pernas e coxas nuas de mulher, a pipa moldando-lhe o busto e a cabeça. “Oh!”, murmurou Zequinha, perdendo a ação.

Quando a recuperou, ia-se afastando da porta o recém-chegado vizinho. Zequinha apressou-se, ofereceu-lhe os préstimos, não lhe podia ser útil?

— Muito, muito obrigado... — declinou o comandante. Puxou um cartão de visita de uma carteira, estendeu-o a Zequinha, acrescentando: — Um velho marinheiro, às suas ordens.

Viram-no depois, ajudado pelos carregadores, de martelo e chave de fenda, na sala, abrindo caixões. Surgiam instrumentos raros, um óculo enorme, uma bússola. Ainda demoraram os curiosos nas imediações a contemplá-lo. Depois foram espalhar as novas. Zequinha exibia o cartão ornado com uma âncora:

Comandante VASCO MOSCOSO DE ARAGÃO
Capitão-de-longo-curso



Eis como aconteceu sua chegada a Periperi, naquele começo de tarde infinitamente azul, quando, de um golpe, estabeleceu sua reputação e firmou seu conceito.